

## O CONTRIBUTO DE PEDRO PERPINHÃO PARA A ELABORAÇÃO DA *RATIO STUDIORUM* DA COMPANHIA DE JESUS

HELENA COSTA TOIPA

### RESUMO

O padre jesuíta Pedro Perpinhão desempenhou, em Portugal, actividade docente relevante, em meados do século XVI. Considerando a sua prática pedagógica, foi convidado por um antigo companheiro a sistematizá-la, em texto. Perpinhão redigiu, então, um opúsculo, *De ratione liberorum instituendorum litteris Graecis et Latinis*, cuja informação seria, depois, utilizada na elaboração do código pedagógico oficial dos jesuítas, a *Ratio Studiorum*. Este artigo pretende mostrar semelhanças entre os dois textos.

### ABSTRACT

The Jesuit priest Pedro Perpinhão performed an important teaching activity in Portugal, in the 16<sup>th</sup> century. Considering his pedagogic performance, he was invited, by a companion, to put it on writing. He wrote, then, the opuscle *De ratione liberorum instituendorum litteris Graecis et Latinis*. The information contained on that small literary work should be used on the composition of the official pedagogic code of the Jesuits, the *Ratio Studiorum*. This article aims to show some of the similarities between the two texts.

Solicitado por Francisco Adorno, amigo e antigo companheiro de Coimbra, no sentido de lhe descrever o método seguido pela Companhia de Jesus no ensino do grego e do latim, no Colégio das Artes daquela cidade, o padre jesuíta Pedro Perpinhão respondeu com um opúsculo que viria a contribuir para a elaboração da *Ratio Studiorum*, cuja versão final e oficial data de 1599:

*Como dizias, pois, que querias conhecer, por mim, qual terá sido, no Colégio Conimbricense da nossa Companhia, o método seguido na educação dos meninos das classes mais baixas, eu, com o cuidado de te agradar e de aumentar e ornar com o zelo da minha tarefa, abarcando no meu espírito todo o ensino daquele Colégio, tudo aquilo que pensava sobre todo o método de ensinar aos meninos as*

*letras gregas e latinas, escrevi-o pormenorizadamente àquele em cujo nome tu mo pediras, não com aquela elegância e sobriedade que ele talvez esperasse, mas, pelo menos, com aquela diligência e cuidado com que pude.*<sup>1</sup>

## Vida

Pedro João Perpilhão nasceu em 1530, em Elche, na região de Valência, pelo que em numerosos títulos das suas obras aparece, aposto ao seu nome, o cognome *Valentinus*. Estudou em Orihuela e em Valência, onde se graduou em Artes, a seis de Julho de 1547. Aos 21 anos, entusiasmado provavelmente com o exemplo de alguns padres jesuítas do Colégio de Valência (fundado em 1544) que estudavam na Universidade, resolveu ingressar na Companhia. Foi recebido pelos responsáveis Diogo Mirão e Jerónimo Domenech e posteriormente enviado para o Colégio de Jesus de Coimbra, onde chegou em finais de Setembro, na companhia do irmão, Luís Perpilhão, que resolvera seguir também a mesma via. Permaneceu em Coimbra por dois anos, para fazer o noviciado, segundo as normas da Companhia, guardando desse período as melhores recordações (*Opera*, III, Epist. XVI).

Mudou-se, de seguida, em 1553, para Évora, onde leccionou retórica e grego, no Colégio do Espírito Santo, deixando entre os seus superiores uma imagem de obediência e de grande zelo de virtude (MHSI<sup>2</sup>, *Epistolae Mixtae*, Tomo III, pág. 646). Foi Perpilhão quem, em 1553, fez a oração de sapiência na abertura do ano lectivo, na presença dos alunos e do Cardeal D. Henrique, patrono do Colégio. (MHSI, *Litterae Quadrimestres*, Tomo II, pág. 508). Esta oração é desconhecida, não aparecendo nas compilações das suas orações ou da sua obra em geral; um dos seus biógrafos é de opinião de que talvez o próprio Perpilhão, não a considerando perfeita, como primeiro fruto da sua eloquência, não deixasse que ela andasse juntamente com as outras<sup>3</sup>.

Ali, em Évora, se manteve até 1555, ano em que a Companhia de Jesus se ocupou do ensino no Colégio das Artes, em Coimbra. Perpilhão foi um dos professores escolhidos para aí leccionar. Era preciso impressionar os doutores de Coimbra e não fazer má figura, em

---

<sup>1</sup> - Perpiniani, Petri, “Epistola XVI”, in *Opera*, tomo III. Romae, Typis Nicolae et Marci Pelearini, 1749.

<sup>2</sup> - Dos *Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis edita*, usaremos neste texto: “Epistolae Mixtae (...)”, Madrid, 1898-1901, 5 vol.; “Litterae Quadrimestres (...)”, Madrid, 1894-1925, 6 vols; “Epistolae P. H. Nadal (...)” Madrid, 1898-1905, 4 vols.; “Monumenrta Ignatiana (...)”, Madrid, 1903-1911, 12 vols.

<sup>3</sup> - Lazeri, Petri, *De Vita et Scriptis Petri Ioannis Perpiniani Diatriba*, Roma, Typis Nicolae et Marci Pelearini, 1749.

comparação com os reputados mestres anteriores do Colégio; Perpilhão era, então, um dos melhores professores de que a Companhia dispunha em Portugal que, no geral, manifestava uma grande carência de lentes (MHSI, *Epistolae mixtae*, Tomo IV, pp. 775-776).

Em 1556, encontramos referências à sua actividade pedagógica em Coimbra, numa carta do padre Francisco Monclaro, datada de Setembro, dando conta do que se passava no colégio dessa cidade, no habitual relatório quadrimestral a Inácio de Loyola.:

*Los studiantes tienen sus ejercicios acostumbrados, que hazen com mucha satisfacion de sus maestros y de todos: ay antrellos muchas disputaciones, en prosa y verso, y muchas publice, juntos los cursos com las demas classes, que es un buen auditorio; estas orationes se hazen en loor de las fiestas de nuestro Señor y de nuestra Señora, y mártires, y Santos otros. Ansí en esto como en los temas de sus maestros se haze mucho provecho, porque á bueltas del gusto del latin gustan las cosas de Dios; porque todos sus ejercicios llevan estas suaves medicinas: ellos se huelgan mucho com ellas y añaden otras de su cabeça: ellos están ya en esto com tanto asiento, que es para loar al Señor. Ándase aora aparejando para los princípios com enigmas y orationes, y un diálogo que haze el P. Pedro Perpiñan, y espérase ser estos princípios muy Buenos á gloria del Señor.*

(MHSI, *Litterae Quadrimestres*, Tomo IV, p. 532)

O ano de 1560 passa-o Perpilhão, de novo, no Colégio de Évora, na qualidade de prefeito de estudos, cursando teologia.<sup>4</sup>

Em 1561, o P. Jerónimo Nadal, que tinha sido enviado à Península Ibérica, com poderes de decidir o que fosse do interesse da Companhia, em carta escrita de Coimbra a Laynez, Prepósito Geral<sup>5</sup>, dá conta da sua intenção de levar Perpilhão de Portugal, acabando por enviá-lo para Roma.

Chegou a Roma, juntamente com outros jesuítas que se lhe foram juntando pelo caminho, oriundos de diferentes colégios, a 21 de Setembro de 1561. Os quatro anos seguintes passou-os no Colégio Romano,

---

<sup>4</sup> - Francisco Rodrigues, *A formação intelectual do jesuíta*. Porto, Livraria Magalhães e Moniz, 1917, p.184.

<sup>5</sup> - MHSI, *Epistolae P. Nadal*. Tomo I, pp. 491-492. Jerónimo Nadal é considerado o segundo fundador da Companhia de Jesus, responsável pela organização e unificação do ensino dos jesuítas. Estudara em Alcalá de Henares e em Paris, como Inácio de Loyola, de quem foi companheiro. Foi escolhido, depois de ingressar na Companhia, como reitor do Colégio de Messina, para o qual escreveu um plano de estudos que foi aprovado por Inácio e imitado, em parte, no Colégio Romano e noutros colégios jesuítas. Foi ele quem promulgou as *Constituições* de Inácio de Loyola junto dos padres espalhados pela Europa e que, em 1553, negociou com D. João III o estabelecimento, em Portugal, de um colégio feito sobre o modelo do de Roma.

desempenhando funções de tradutor para latim das cartas que vinham dos padres que exerciam funções de missão na Índia; de professor de Retórica, principalmente, e de orador.

A sua vida não era fácil, em Roma, pois via-se assoberbado de trabalho: era especialmente preferido pelos jovens que procuravam o Colégio, onde explicava Cícero, nas aulas de Retórica; compunha orações sobre o ensino desta disciplina, sobre as características do perfeito doutor cristão e sobre a Santíssima Trindade; ocupava-se, também, ao que parece, na composição de uma obra de envergadura sobre esta matéria; era ainda requisitado para discursar em diferentes pontos de Itália.

Era de saúde frágil e caía frequentemente doente. Sobrecarregado de trabalho, cansado, doente, manifesta por vezes o desejo de se ver aliviado do ensino, para se dedicar com mais cuidado às outras actividades (Epist. nº III, *Opera*, Tomo III, pp.6-8)

Em 1565, foi enviado para França, nomeadamente para Lyon, para aí, com os seus discursos inflamados, combater as teorias protestantes muito florescentes na região e para ensinar e explicar os textos sagrados.

Em Maio de 1566 chegou a Paris, onde pronunciou veementes discursos em defesa do culto da antiga religião, contra os calvinistas, principalmente, que suscitaram um clima de contestação e violência por parte dos auditores.

Nesse mesmo ano caiu gravemente doente e morreu, extemporaneamente, aos 36 anos de idade.

Era grande a sua modéstia e humildade, como revelam as suas orações e cartas aos amigos. Foi estimado e apreciado pelos seus pares, fossem ou não da Companhia. Sempre obediente, *perinde ac cadaver*, como postulavam as regras da instituição, seguindo sempre religiosamente as instruções dos seus superiores, ia muitas vezes para onde não tinha desejado ir, como, por exemplo, para França, cujo clima e agitação religiosa receava e onde viveu cheio de saudades de Roma e dos amigos que aí deixara, ansioso por ser mandado para Espanha, para se restabelecer das suas doenças.

Fisicamente aparentava, além das marcas das constantes vigílias e jejuns e do trabalho contínuo, uma velhice prematura, de barba e cabelos embranquecidos muito antes do tempo.

### **Obra**

A obra de Perpilhão, composta aproximadamente no espaço de treze anos (1553-1566), é vasta para este período de tempo, se tivermos em consideração que não se dedicava apenas à sua composição, mas, e

principalmente, à docência, leccionando, durante quatro ou cinco horas por dia, Latim, Retórica ou as Sagradas Escrituras, tendo ainda tempo de se dedicar à pregação.

Da sua obra, assumem particular destaque os 19 discursos que compôs e pronunciou em Portugal, Itália e França, de temática variada, que conheceram numerosas edições; mas escreveu ainda muitas e minuciosas cartas, aos seus familiares e amigos que fazia nos colégios onde passou, algumas das quais se constituem como verdadeiros opúsculos, como a epístola a Francisco Adorno escrita em 1565, importantes para a história dos jesuítas e para a história da cultura; redigiu uma monografia sobre a Rainha Santa Isabel, em três livros, e um diálogo para uma celebração escolar. Ocupou-se também de um tratado de retórica que não chegou a acabar e escreveu poesia e outros textos de menor vulto. Segundo testemunho de Sachino (*Hist. Soc. Iesu*, parte 2, lib.2, nº 163), teria manifestado o gosto de escrever a história da Companhia de Jesus e a vida de Inácio de Loyola<sup>6</sup>.

Da obra composta em Portugal ou relacionada com assuntos portugueses, temos cinco orações, uma monografia, um diálogo, poesia e cartas. As orações são as seguintes:

- *De Societatis Iesu gymnasiis et de eius docendi ratione*. Esta oração foi pronunciada no dia 1 de Outubro de 1555, no Colégio das Artes, no dia de abertura do ano lectivo, data em que oficialmente esta instituição foi entregue por D. João III à orientação da Companhia de Jesus. O Colégio das Artes ou Colégio Real, projecto de D. João III para renovar os estudos médios em Portugal, começou por ter como mentores André de Gouveia, reputado professor que exercera com brilho funções em Paris e em Bordéus, no Collège de Guyenne, e outros professores também oriundos de Bordéus (por isso conhecidos como “bordaleses”). Com a morte inesperada daquele, pouco tempo depois de inaugurado o Colégio (o que acontecera em Fevereiro de 1548), com a passagem pela Inquisição de alguns professores que tinham vindo para Portugal com André de Gouveia (Diogo de Teive, João da Costa e George Buchanan), com o consequente regresso à origem de outros companheiros seus, o Colégio ganhou parcialmente um novo corpo docente, mas as relações entre estes novos professores e os que tinham permanecido nunca foram boas, gerando-se

---

<sup>6</sup> - Lazeri, Petri, *De Vita et Scriptis Petri Ioannis Perpiniani Diatriba*, Roma, Typis Nicolae et Marci Pelearini, 1749, p. 38

rivalidades e grande instabilidade<sup>7</sup>. Em 1555, o rei resolve a questão entregando a direção do Colégio à Companhia de Jesus; as razões da entrega são apresentadas nesta oração de Perpilhão que, no manuscrito 3308 da B.N.L.,<sup>8</sup> tem o título de *De causis cur Societas Iesu collegia publica suscipiat, rexque Lusitaniae inuictissimus Ioannes tertius conimbricense collegium illi tradiderit, et de eius docendi ratione oratio*. Nesta oração, Perpilhão não poupa elogios aos antigos professores e, tal como transparece nas cartas de outros padres jesuítas, afasta qualquer suspeita de incompetência, heresia, impiedade, sacrilégio ou heterodoxia dos antigos professores; o rei entregara o Colégio aos padres da Companhia porque estes eram detentores de uma preparação mais específica, apropriada e eficaz para combater as heresias, a heterodoxia religiosa.

- *Laudatio funebris Ludouici Principis*. Esta é a terceira oração, de que temos conhecimento, pronunciada publicamente em Portugal (a primeira fora pronunciada em Évora, na abertura do ano lectivo, em 1553, mas dela não dispomos do texto escrito). Motivou-a a morte do Infante D. Luís, irmão do rei, ocorrida em 27 de Novembro de 1555. A sua apresentação teve lugar em Dezembro, no Colégio das Artes; é um texto fúnebre marcado por um tom grandemente laudativo e hiperbólico, no qual Perpilhão enumera, louva e exagera as qualidades do Príncipe, grande amigo da Companhia, e omite as suas falhas.

- *Laudationis in Beatam Elisabetham Lusitaniae Reginam libri tres*. São três as orações pronunciadas por Perpilhão sobre a Rainha Santa, no Colégio das Artes, por determinação régia de Setembro de 1556<sup>9</sup>. A primeira foi apresentada no ano de 1557, a segunda em 1558 e a última em 1559, sempre no dia 4 de Julho, dia do aniversário da morte de Isabel de Aragão, que tinha sido já beatificada, tendo D. João III conseguido do Papa a permissão para alargar o culto da rainha (que estava circunscrito à diocese de Coimbra) a todo o país e com cerimónias diversificadas; uma dessas cerimónias foi a determinação de se fazer um discurso no Colégio das Artes, todos os anos, no dia 4 de Julho. Após a determinação régia,

---

<sup>7</sup> - Sobre o Colégio das Artes e todas estas questões mencionadas, consultem-se as obras de Mário Brandão, *O Colégio das Artes*, (2 vols), Coimbra, 1924-1933, e *A Inquisição e os professores do Colégio das Artes*, Coimbra, 1941.

<sup>8</sup> - O códice 3308 da BNL tem como título: *Rerum scholasticarum quae a patribus ac fratribus huius Conimbricensis Collegii scripta sunt tomus primus*.

<sup>9</sup> - Cf. António José Teixeira, *Documentos para a história dos Jesuítas em Portugal*, Coimbra, 1899, pp. 398-99, e Mário Brandão, *Documentos de D. João III*, Coimbra, 1937-1941, p. 296.

Perpinhão, então com 27 anos, foi o primeiro orador escolhido para esse acto solene. Nestas orações, de tom panegírico, Perpinhão debruça-se sobre a vida e os feitos da rainha, dividindo a matéria pelos três anos: no primeiro ano e oração, fala do seu nascimento, que se envolveu de características maravilhosas, da sua educação na corte aragonesa do avô D. Jaime, das propostas de casamento, do casamento com D. Dinis, das infidelidades deste, da sua paciência, religiosidade, beneficência, caridade e espírito pacificador que a levou a interferir em vários conflitos familiares, nomeadamente naquele que opôs seu marido e seu filho. A segunda oração, dita no ano seguinte, a mais extensa de todas, debruça-se sobre o período que vai desde a morte de D. Dinis até ao ano de 1333, ano de grande fome, em Coimbra, a que a rainha acudiu com os seus recursos, passando pela peregrinação a Santiago de Compostela, pela dedicação à construção do Mosteiro de Santa Clara e anexos. A terceira e última, de 1559, abarca o período final da sua vida: a morte em Estremoz, o cortejo fúnebre para Coimbra, o sepultamento em Santa Clara, e ainda os relatos dos milagres que teriam ocorrido com a sua intercessão.

Na sequência da redacção das orações laudatórias, Perpinhão escreveu uma monografia sobre a vida e obra da Rainha, em três livros, desenvolvendo as matérias apresentadas naquelas. Intitulou-a *De uita et moribus Diuae Elisabethae Lusitaniae Reginae libri tres*.

O diálogo que compôs para Setembro de 1556 não chegou a ser impresso; era um exercício escolar, intitulado *Megalopragmon siue ambulatio pomeridiana* e figura no Códice 3308 da Biblioteca Nacional de Lisboa.

Também à poesia se dedicou Perpinhão, como todo o latinista que se prezava. Escreveu pequenos poemas fúnebres a D. Isabel e D. João III, além de uma écloga. Estes poemas, que se encontram no Códice acima referido, poderão ter estado, como exercícios literários, afixados no átrio e salas do Colégio, por ocasião das datas fúnebres ou das celebrações académicas.

Das muitas cartas que escreveu aos seus pares, familiares e amigos, destacamos uma, dirigida a Francisco Adorno, de 1565, que tem apenso o opúsculo *De ratione liberorum instituendorum litteris Graecis et Latinis siue Epistola Petri Perpiniani ad Franciscum Adornum*. Neste opúsculo, Perpinhão sistematiza, a pedido do amigo e antigo companheiro de Coimbra, nesse momento secretário do Cardeal Carlos Borromeu, sobrinho do Papa, o método e os programas dos Jesuítas no Colégio das Artes, enquanto aí vivera e trabalhara. O objectivo deste pedido era reunir um conjunto de estudos que reflectissem as práticas dos vários colégios da

Companhia, para as sistematizar, como viria a acontecer com a elaboração da *Ratio Studiorum*, alguns anos mais tarde. Francisco Adorno viria a fazer parte da equipa responsável pela elaboração desse documento<sup>10</sup>.

A descrição feita por Perpilhão do que se passava em Coimbra revela, antes de mais, a obediência aos preceitos estipulados pelo fundador, Inácio de Loyola, veiculados pelas *Constituições da Companhia de Jesus* (nomeadamente pela IV Parte, na qual se expõem as regras, as leis fundamentais para a educação e o ensino, nos colégios da Companhia, os fundamentos para a formação literária e científica dos padres e estudantes)<sup>11</sup> e também por cartas de instruções que aquele regularmente enviava às Províncias já existentes. O opúsculo sistematiza aquelas que eram as directivas e as normas para o ensino, postas em prática nos colégios que a Companhia ia abrindo, nomeadamente neste Colégio das Artes recentemente posto sob sua jurisdição.

*De ratione liberorum instituendorum litteris Graecis et Latinis*

Centremos, então, o nosso estudo neste texto (que adiante designaremos por *Carta*) e no seu contributo para a elaboração da *Ratio Studiorum*, texto fundamental para os colégios e para a prática do ensino da Companhia de Jesus, o código pedagógico oficial.<sup>12</sup>

O opúsculo está dividido em nove capítulos. O primeiro tem como título *De Magistro*; o segundo, *De Arte Grammatica*; o terceiro, *De Grammatica tradenda*; o quarto, *De Graecis Litteris*; o quinto, *De Rhetorica*; o sexto, *De Auctoribus*; o sétimo, *De explicandi et audiendi*

---

<sup>10</sup> - François Dainville, em *La Naissance de l'Humanisme moderne*, Paris, Beauchesne et ses Fils Éditeurs, 1940, p. 78, estabelece a relação entre o texto de Perpilhão e o da *Ratio Studiorum*, bem como entre o método dos jesuítas, de Bordéus e de Coimbra:

*Signalons parmi les sources certaines du Ratio, une lettre trop peu connue, adressée par le P. Perpinien au P. Adorno, le 20 janvier 1565 (Epistolae, ep. XVI, P. 86-110). (...) des passages entiers de ce précieux document ont été repris à la lettre par les rédacteurs du Ratio. Il éclaire, en outre, à notre avis, la question si délicate des emprunts possibles, par les Jésuites, de telle ou telle institution du Collège de Guyenne. Perpinien nous prévient, en effet, que son exposé décrit les méthodes qui se pratiquent avec succès au Collège de Coimbra.*

<sup>11</sup> - As *Constituições da Companhia de Jesus* são de responsabilidade de Inácio de Loyola; foram divulgadas e promovidas por Jerónimo Nadal nos colégio de Portugal e Espanha durante os anos de 1553 e 1554. Seguimos a tradução anotada de J. Mendes Abrantes, Lisboa, 1975.

<sup>12</sup> - Seguiremos, no que diz respeito a este texto, o estudo e tradução de Leonel Franca, *O Método Pedagógico dos Jesuítas*, in *Obras Completas do Padre Leonel Franca, S.J.*, 1952, AGIR, Rio de Janeiro.

*ratione*; o oitavo, *De Exercitatione*; o nono, *De studio puerorum excitando*.

### ***O Mestre***

É significativo o facto de o primeiro capítulo ser relativo ao professor, destacando-se a importância do seu entusiasmo, a sua sabedoria e domínio da matéria que lecciona, o seu pragmatismo, o seu papel exemplar, a integridade da sua vida e costumes, fundamentais junto dos alunos, crianças ou adolescentes, cujos espíritos estão em idade de ser moldados e formados. O mestre deve ser, antes de mais, “de costumes íntegros, de entusiasmo ardente, de talento penetrante, de cultura requintada”, muito prático e com os pés bem assentes na terra, bom conhecedor daquilo que ensina, bom escritor e bom falante.<sup>13</sup>

Estes requisitos dos professores já eram exigidos nas *Constituições da Companhia de Jesus*, IV Parte, nomeadamente nos parágrafos 307 e 308, exigindo-se que eles fossem de vida honesta, que tivessem capacidade para a tarefa de ensinar, bem como os conhecimentos necessários, uma vez que haviam de formar os espíritos dos homens pela sua conduta, haviam de impor-se e fazer valer o seu exemplo pelo seu saber.

Esta ideia era reforçada nas cartas enviadas por Inácio de Loyola ou por outros responsáveis aos companheiros espalhados pelos vários colégios. Refira-se a título de exemplo uma extensa carta enviada por Inácio de Loyola aos companheiros de Coimbra, candidatos a padres e professores, em 7 de Maio de 1547, na qual se alonga sobre a necessidade de unir letras e virtude e os exortava a perseverarem no estudo e a darem bom exemplo com o seu modo de vida. *Procurad entretener el fervor sancto y discreto para trabayar en el studio así de letras como de virtudes*, aconselhava.<sup>14</sup>

E foi já imbuído destas ideias que Perpilhão pronunciou a oração de 1555, na abertura do ano lectivo, no Colégio das Artes, insistindo demoradamente neste aspecto para justificar a entrega daquela instituição

---

<sup>13</sup> - O texto diz:

*Ante omnia magister deligendus est, integris moribus, flagranti studio, ingenio acri, litteris exquisitis, qui non communium paedagogorum more tempus omne contriuerit in nugis aut somniis delirantium Grammaticorum; sed in praecepta pauca, eaque ex optimis quibusque auctoribus in promptu habeat; et scriptores elegantísimos cuiusque generis, Poetas, Historicos, Oratores penitus cognoscat; et sit ipse tum in loquendo, tum in scribendo bene exercitatus.*

(*De Ratione...*, Cap. I. p. 88)

<sup>14</sup> - *Monumenta Ignatiana. Epistolae et Instructiones*. Tomo I, ep. nº 169.

à orientação da Companhia. É um dos temas que domina a oração, o do perfil moral dos homens sábios; aqueles que dominam o conhecimento devem fazer bom uso dele; o seu comportamento deve primar pela integridade de vida, deve ser exemplar e pautar-se pelo culto dos bons costumes. É importante que os bons costumes sejam inculcados desde a infância, daí a importância que assume o carácter dos educadores que, além de dominarem o conhecimento, devem ensinar pelo exemplo de bons costumes e virtude.<sup>15</sup>

### ***Programas***

Se bem que se estudassem outras disciplinas nos colégios da Companhia, Perpinhão ocupa-se apenas dos estudos de Humanidades, da aprendizagem do latim e do grego, tanto da Gramática como da Retórica, considerados os requisitos fundamentais para a progressão no conhecimento. Aprender a dominar uma disciplina a fundo, antes de passar à seguinte, era a regra fundamental da pedagogia do século XVI e foi um princípio adoptado e rigorosamente seguido pela Companhia; só depois de perfeitamente assimilada e consolidada uma disciplina é que se passava à seguinte (*non nisi unum uno tempore*). Estudavam-se primeiro as Humanidades; a cultura literária e linguística proporcionada por estas permitiriam o acesso à formação filosófica e científica (as Artes) e, depois, a outras matérias mais complexas e elevadas, como a Teologia<sup>16</sup>. Se o aluno tivesse boas bases de latim, poderia organizar melhor o seu espírito nas classes mais elevadas e exigentes. O objectivo era avançar progressivamente, adaptando a progressão às capacidades intelectuais dos alunos: primeiro ensinavam-se, gota a gota, as coisas mais simples, só depois as mais difíceis.

No Colégio das Artes estudavam-se as Humanidades e as Artes. Do estudo do latim fala demoradamente Perpinhão quer na *Carta*, quer na *Oratio de Societatis Iesu gymnasiis*. A esta disciplina dedicavam-se vários anos e todo o tempo possível. Quanto ao grego, estudado subsidiariamente, por ser língua de onde manara o latim, devia estudar-se pelos mesmos métodos deste.<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> - *Oratio de Societatis Iesu gymnasiis et de eius docendi ratione*, in *Opera*, Tomo I, pp. 41-42.

<sup>16</sup> É preceito que consta também das *Constituições da Companhia de Jesus*, parágrafos 351-352; 366-368; 446-448, entre outros.

<sup>17</sup> Diz o Capítulo IV da *Carta*:

*E porque, não apenas o conhecimento das ciências mais obscuras, como a habilidade de falar, manou dos Gregos para os Romanos, é necessário conjugar,*

### **A Gramática**

O segundo capítulo da *Carta* debruça-se sobre as características da Gramática Latina a adoptar e estudar:

*(...) e que ela não esmague os talentos dos meninos, pela extensão e grande quantidade de preceitos, nem os mergulhe no desespero, pela sua obscuridade, nem lhes impeça o progresso, pela série de disputas sobre assuntos de pouco uso ou de outras questões, ou pela variedade de opiniões, nem os habitue a falar de forma corrompida, quer por causa dos preceitos, quer pelos exemplos de um discurso contaminado. Pelo contrário, que sirva a memória pela brevidade, que convide a aprender pela perspicácia, que ajude a inteligência pela simplicidade do ensino, que alimente a pura e incorrupta integridade e elegância do discurso latino.* (ed. citada, p. 89)

Ela deve, pois, caracterizar-se por tentar simplificar o estudo, não o sobrecarregando com demasiada informação inútil para as necessidades; deve adaptar-se à inteligência e às capacidades dos alunos, acompanhando a sua progressão na aprendizagem; deve apresentar a matéria de forma simples, clara e elegante. Além disso, tudo deve ser fundamentado nos bons autores latinos, de preferência nos mais reputados e polidos, e não tanto nos historiadores e poetas, cujas características deve evitar-se na conversação comum.

Essa Gramática deveria ser escolhida entre as já existentes à disposição dos estudiosos ou composta para o efeito, se nenhuma se mostrasse conveniente, como dizia a *Carta* (*Ars deinde litterarum, magna cura uel de multis eligenda, uel, si nulla reperietur idonea, componenda est (...)*, II, p. 88) e estipulavam as *Constituições* (IV Parte, § 466).

Perpilhão tomou à letras as palavras das *Constituições*, e aconselha, por exemplo, para o estudo da Retórica, como obra a escolher e a seguir religiosamente, aquela que fora composta por um dos padres da Companhia, Cipriano Soares, seu contemporâneo e colega em Coimbra:

---

*como M. Túlio prescreveu ao filho, as letras Gregas com as Latinas. Ainda que eu discorde absolutamente de Quintiliano, que quer antepor, na ordem, a Gramática Grega à Latina; isso teria sido útil, então, para aqueles homens, para quem a língua latina era materna e natural; neste momento, porém, deve reconhecer-se que não seria proveitoso. E, assim, considero que não se deve começar o ensino das letras Gregas, antes de toda a Gramática Latino ter sido abarcada pelo espírito e firmado o método de escrever Latim, pela prática e pelo exercício. Sobre as restantes coisas que disse sobre as Latinas, essas mesmas se devem aplicar ao estudo das letras Gregas.*

*Quanto aos preceitos de Retórica, não aprovo nenhuma Gramática composta com brevidade, ainda que existam muitíssimas, a não ser a que Cipriano Soares, homem da nossa Companhia, editou em Coimbra, nos últimos anos, composta prudentemente quase com as palavras dos próprios, a partir dos três autores mais louvados, Aristóteles, Cícero e Quintiliano, e que agora, em Veneza, junto de Tramósio, cuidamos para que venha a ser editada. Esta Gramática, destes três autores que acima nomeei, considero-a perfeitíssima.*

(Carta, cap.VI, p.99)

A obra de Cipriano Soares foi publicada em 1562, quando Perpinhão já não se encontrava em Coimbra, pelo que, no período a que se reporta o opúsculo, ela não era ainda oficialmente adoptada no Colégio, porque ainda não estava editada. O que provavelmente aconteceu foi que o autor a teria já esboçada, a partir até da sua prática lectiva, contemporânea de Perpinhão, pois foram, durante alguns anos, colegas de docência. Os preceitos que depois passou ao papel e deu à estampa seriam provavelmente aqueles que ensinava nas aulas. Essa obra revia-a Perpinhão em 1565, como diz na própria carta em que se insere o opúsculo, para ser editada em Roma.

Na *Ratio Studiorum*, menciona-se frequentemente a utilização desta obra, como por exemplo, nas “Regras do Professor de Humanidades”, §1, onde se estipula:

*Dos preceitos de retórica dê-se no segundo semestre um breve resumo do Cipriano Soares.*

E, no segundo parágrafo, sobre a divisão do tempo refere:

*(...) terminada a arte métrica, explique-se, ou repita-se todos os dias, a retórica de Cipriano, ou estabeleça-se debate. (...) Na segunda hora, explique-se ou repita-se algum epigrama, ode ou elegia, algum ponto do livro 3 de Cipriano acerca das metáforas, das figuras e principalmente do ritmo e sílabas longas e breves no discurso, (...)*

Quanto à ordenação dada por Perpinhão à matéria gramatical apresentada no 2º capítulo do opúsculo, demonstrativa do rumo que se seguia no Colégio das Artes, no seu estudo, obedece à mesma ordenação que Manuel Álvares lhe dá na sua *De Institutione Grammatica*, que viria a ser publicada pela primeira vez apenas em 1572, em Lisboa. Era natural que assim acontecesse, pois ambos, Perpinhão e Álvares, tinham sido professores das mesmas escolas e tinham tido necessidade de conjugar esforços e planificar e ordenar a matéria em conjunto. Foi provavelmente

dessa prática conjunta dos professores de latinidade dos colégios por onde passou que Manuel Álvares sofreu inspiração para a composição da sua *Gramática*, que conheceu, nos anos posteriores, numerosas edições. Começava-se do mais simples (declinações e conjugações) e progredia-se paulatinamente para o mais complicado (a sintaxe, a versificação, etc.).

A *Ratio Studiorum* apresenta referências à adopção da gramática de Manuel Álvares, nomeadamente nas “Regras destinadas ao Provincial”, parágrafo 23, recomendando o seu uso e, mesmo no caso de ser necessário compor outra semelhante, se o método desta parecer muito elevado para a capacidade dos alunos, conservar sempre a importância e a propriedade de todas as regras daquela:

*23. Gramática do Padre Álvares. – Cuide que os nossos professores adotem a gramática do P. Manuel [Álvares]. Se em algum lugar o seu método parecer muito elevado para a capacidade dos alunos, adote então a gramática romana, ou, após consulta do Geral, mande compor outra semelhante, conservando sempre, porém, a importância e propriedade de todas as regras do P. Álvares.*

Para uso dos alunos, Perpinhão considerava como mais adequada a que se usava, já antes de 1555, no Colégio, a *Gramática* de Thomas Linacre, para determinadas matérias, e os próprios autores latinos para outras.

O ensino da gramática devia assentar, segundo a *Carta*, no princípio da gradação, isto é, a aprendizagem devia ser feita do mais simples para o mais complicado; os exercícios deviam começar por ser simples e aumentarem de dificuldade progressivamente, à medida que os alunos fossem mostrando os progressos.

*Depois de bem compreendidas e assimiladas, por prática assídua, estas partes da Gramática, os meninos devem ser encaminhados para a Sintaxe, no ensino da qual se deve manter a mesma ordem que nas anteriores, acrescentando-se, entretanto, exercícios de declinação, de interesse geral, ou questões acerca dos rudimentos, dos géneros, das declinações, para que não escape do espírito dos meninos aquilo que aprenderam. Mas, já então, não só se deve explicar um autor de prosa um pouco mais sério, ou algum poeta mais fácil, como também se devem instituir, de vez em quando, exercícios de escrita mais longos.*

*Depois de terem claramente compreendido a forma de conjugar os verbos e começando também a escrever mais textos e mais corrigidos, deve explanar-se a última parte da Gramática que interessa para a composição poética. Não se deve desprezar em absoluto, todavia, o exercício das partes anteriores, principalmente da Sintaxe. Deve igualmente interpretar-se um poeta mais sério e mais difícil e, quando, nisto, tiverem avançado um pouco, é extremamente útil que eles se exercitem a compor poesia, em dias alternados.*

(*Carta*, cap. III, p. 95)

A *Ratio Studiorum* estabelece a seguinte progressão para o estudo da gramática, nas “Regras do Prefeito de Estudos Inferiores”, § 2:

*§2. Divisão da gramática em três livros – E para que melhor e com mais facilidade se conserve esta distinção, dividam-se os preceitos do P. Manuel Álvarez em três livros, cada um dos quais corresponda a uma série.*

*O primeiro livro, para a classe inferior, abrangerá o livro 1º do P. Alvarez e uma breve introdução à sintaxe tirada do segundo.*

*O segundo livro, para a classe média, compreenderá o livro segundo do P. Álvarez sobre a construção das oito partes do discurso até às figuras e alguns apêndices mais fáceis.*

*O terceiro livro, para a classe superior, abraçará do livro segundo os apêndices mais elevados e da construção figurada até ao fim e o livro terceiro sobre a medida das sílabas.*

Nas “Regras” destinadas aos professores de gramática, especifica, tal como Perpilhão, as matérias a estudar:

*Regras do Professor da Classe Inferior de Gramática:*

*1- Grau.- O objectivo desta classe é o conhecimento perfeito dos elementos da gramática, e inicial da sintaxe. Começa com as declinações e vai até a construção comum dos verbos. Onde houver duas subdivisões, na subdivisão inferior se explicarão, do primeiro livro, os nomes, verbos, as regras fundamentais, as quatorze regras de construção, os géneros dos nomes; na superior, do primeiro livro, a declinação dos nomes sem os apêndices, e ainda os pretéritos e os supinos; do livro segundo, a introdução à sintaxe sem os apêndices até os verbos impessoais Em grego, a subdivisão mais atrasada aprenderá a ler e a escrever, a mais adiantada os nomes simples, o verbo substantivo e o verbo barítono.*

*Regras do Professor da Classe Média de Gramática:*

*1 - Grau.- (...) nela se explica do princípio do livro segundo até à construção figurada, com os apêndices mais fáceis, ou, segundo o método romano, da construção comum à construção figurada das palavras, com os apêndices mais fáceis.*

*Do grego, pertencem a esta classe os nomes contractos, os verbos circunflexos, os verbos em mi, e as formações mais fáceis.*

*Regras do Professor da Classe Superior de Gramática*

*1 - Grau.- O objectivo desta classe visa o conhecimento perfeito da gramática: por isso repete a sintaxe, desde o princípio, acrescentando todos os apêndices (os idiotismos) e depois explica a construção figurada e a retórica; em grego, porém as oito partes da oração ou tudo aquilo que se compreende sob o nome de rudimentos, com excepção dos dialectos e das notas mais difíceis.*

### ***Autores***

Quanto aos autores a estudar nos Colégios e nas Universidades, as *Constituições* são bem explícitas quantos aos critérios a adoptar na sua selecção ou exclusão (IV Parte, §§359, 464-465, 468-469).

A *Carta*, fazendo eco das instruções acima referidas, começa por aconselhar, no início do capítulo VI, que se rejeitem completamente os autores novos e recentes e que, dos antigos, não se escolham todos, mas apenas os melhores (*Scriptores noui et recentes omnino reiiciantur. Antiqui tantum, ac ne hi quidem omnes, sed optimi quidem pueris exponantur.*)<sup>18</sup>

Autores recentes como Erasmo e Luis Vivès começaram por ser adoptados, por exemplo, por Jerónimo Nadal, no Colégio de Messina, um dos primeiros vocacionados para a instrução de alunos externos, mas Inácio de Loyola desaprovou a escolha e, para evitar que os alunos viessem a gostar de autores de algum modo suspeitos, mesmo que os seus textos estudados fossem da mais perfeita ortodoxia e um bom exemplo de óptima latinidade, suprimiu-os ou, nalgumas circunstâncias, permitiu que fossem estudados, sem o nome do autor e depois de expurgados, como se fazia com os clássicos pagãos da Idade do Ouro da literatura latina. A norma geral, no entanto, era evitar os autores recentes. Os autores latinos cristãos não faziam também parte dos programas, por várias razões, nomeadamente pelo facto de o pensamento e os escritos destes autores não serem apropriado às inteligências infantis e provavelmente também pelo desejo dos jesuítas de não se limitarem ao estudo dos autores cristãos, substituindo as humanidades clássicas pelas humanidades cristãs, empobrecendo assim o humanismo<sup>19</sup>. Encontram-se, no entanto, já contemplados na *Ratio Studiorum* talvez porque os jesuítas se tenham apercebido e tenham tentado reagir contra os excessos em que se tinha caído na admiração e imitação dos clássicos pagãos.<sup>20</sup> Este texto, no entanto, continua a excluir os autores modernos; nas “Regras comuns aos professores das classes inferiores” diz-se, no parágrafo 27: *Prelecção. – Na prelecção só se expliquem os autores antigos, de modo algum os modernos.*

---

<sup>18</sup> - *Op. cit.*, p. 97.

<sup>19</sup> - Vd. Codina Mir, *Aux sources de la pédagogie de Jésuites. Le “modus parisiensis”*, Roma, Institutum Historicum S.I., 1968, p. 306.

<sup>20</sup> Vd. J.B. Herman, *La Pédagogie de Jésuites au XVI Siècle. Ses Sources. Ses Caractéristiques*, Louvain, Bureaux du Recueil, 1914, p. 252; F. Dainville, *La naissance de l’Humanisme moderne*, pp. 210-217.

Perpinhão seguiu rigorosamente as instruções recebidas, nomeadamente no que diz respeito ao expurgo das passagens imorais ou impróprias; e como também aconselhavam as *Constituições*, defendeu que autores, como Terêncio, que não podiam ser expurgados, deviam ser rejeitados:

*Ainda que se deva ter um certo gosto por aquele que sobressaem pela elegância, deve, no entanto, remover-se toda a obscenidade, quer de palavras, quer de situações. E, assim, penso que Terêncio<sup>21</sup> não deve ser proposto aos meninos, apesar de ser um ótimo mestre de latinidade; o que é menos causa de admiração para aquele que, alguma vez, tiver lido Fábio Quintiliano, pois este é de opinião que deve ser interdita àquela idade toda a espécie dos cómicos em geral.*

(*Carta*, cap. VI, p. 98)

Também a *Ratio Studiorum* continua a insistir na exclusão de Terêncio. Nas “Regras do Provincial” diz-se:

*34. Proibição de livros inconvenientes. – Tome todo o cuidado, e considere este ponto como da maior importância, que de modo algum se sirvam os nossos, nas aulas, de livros de poetas ou outros, que possam ser prejudiciais à honestidade e aos bons costumes, enquanto não forem expurgados dos fatos e palavras inconvenientes; e se de todo não puderem ser expurgados, como Terêncio, é preferível que não se leiam para que a natureza do conteúdo não ofenda a pureza da alma.*

Os autores estudados e respectivos textos, que obedeciam às directivas superiores, encontram-se enumerados no opúsculo de Perpinhão, dando uma ideia do que se estudava, depois da selecção. O autor de eleição é Cícero, que não tem qualquer texto que seja necessário evitar, ao contrário, por exemplo, de Terêncio<sup>22</sup>. Pode começar-se pelas suas *Cartas* mais simples e mais adequadas aos meninos e principiantes; para os mais avançados, podem escolher-se algumas das mais difíceis ou algum dos seus tratados: *De officiis*, *De amicitia*, *De senectute*, ou outro, de natureza filosófica, como os *Paradoxa* ou as *Tusculanae Disputationes*. Qualquer um destes textos é extremamente proveitoso e deve ser sempre anteposto aos textos de outros autores. Também para os

---

<sup>21</sup> - Terêncio foi objecto de várias tentativas de expurgo e de adaptações; no entanto, não era possível retirar algumas passagens menos próprias, uma vez que era o argumento que tornava a obra inapropriada (vd. Codina Mir, *Aux sources de la pédagogie des jésuites. Le “modus parisiensis”*.)

<sup>22</sup> - Diz na *Carta*, cap. VI, p. 98: *Hunc scriptorem qui penitus cognorit, is Terentii fabulas non magnopere desiderabit, maxime cum in illis multa uitanda sint, in Cicerone nihil.*

estudos de Retórica se deve privilegiar Cícero, se bem que nem todos os seus livros sobre a matéria sejam igualmente úteis, pelo que aconselha a adopção, em primeiro lugar, dos *Topica*, a que se seguirão as *Partitiones*. Os estudos de retórica deverão completar-se com os livros oitavo e nono de Quintiliano, o outro autor imprescindível nesta matéria. Os outros livros de Cícero respeitantes à retórica, como o *De oratore*, *Orator* ou *Brutus*, apesar de serem também de grande valor, podem dispensar-se por repetirem ideias ou por serem demasiado sucintos nalguns aspectos. O mesmo se passa com alguns livros da obra de Quintiliano, bem como com a *Retórica* de Aristóteles que, além disso, contém informação mais apropriada para eruditos que para jovens nesta fase da aprendizagem. Para o ensino da Retórica, professores e alunos poderiam contar com a obra de Cipriano Soares.

No campo de historiografia, os autores seleccionados são normalmente César, Tito Lívio e Salústio. Entre os textos poéticos, estudam-se passagens seleccionadas de *Tristes*, *Pônticas*, *Metamorfoses* ou *Fastos* de Ovídio.; textos de Virgílio e Horácio, bem como poemas escolhidos de Catulo, Tibulo, Propércio e Marcial.

Para o estudo do grego, aconselham,-se os textos de Isócrates, Xenofonte, Demóstenes e Homero e, para a historiografia, Heródoto, Tucídides, Pausânias e Eliano.

Na *Ratio Studiorum*, o autor de eleição é também Cícero, em todos os momentos. Na classe inferior de Gramática:

*Nas prelecções adotem-se, dentre as cartas de Cícero, só as mais fáceis, escolhidas para este fim e, se possível, impressas separadamente*<sup>23</sup>.

Na classe intermédia:

*Nas prelecções só se usem as epístolas familiares de Cícero, algumas poesias muito fáceis de Ovídio, e, no segundo semestre, se o Prefeito julgar conveniente, o Catecismo grego e a tábua de Cebes.*<sup>24</sup>

Na classe superior de Gramática, encontramos, para além de Cícero, omnipresente, os mesmos autores referidos por Perpinhão:

*Quanto às leituras, poderão explicar-se no primeiro semestre dos prosadores, as cartas mais importantes de Cícero aos parentes, a Ático, ao irmão Quinto; no segundo, o livro da Amizade, da Velhice, os Paradoxos e outros assim; dos poetas,*

---

<sup>23</sup> - “Regras para o Professor da Classe Inferior de Gramática”, §1.

<sup>24</sup> - “Regras para o Professor da Classe Média de Gramática”, §1.

*no primeiro semestre algumas elegias ou Epístolas de Ovídio, escolhidas e expurgadas; no segundo, trechos, também escolhidos e expurgados, de Catulo, Tibulo, Propércio e das Éclogas de Virgílio, ou ainda, do mesmo Virgílio, os livros mais fáceis como o 4º das Geórgicas, o 5º e o 7º da Eneida; dos autores gregos S. João Crisóstomo, Esopo, Agapetos e outros semelhantes.*<sup>25</sup>

### **Relacionamento com os alunos**

Se aos professores se exige que revelem grandeza moral, integridade, honestidade, capacidade de trabalho, espírito de justiça, também se lhes pede que sejam bons psicólogos e pedagogos. Devem usar o seu poder com suavidade e moderação e inspirar respeito para criar as bases de uma confiança mútua entre professores e alunos. É conveniente que o professor aprenda a conhecer as capacidades dos seus alunos, para os poder levar com tacto, de acordo com o seu feitio e temperamento. Deve ter o cuidado de não os desmotivar, envergonhando-os ou humilhando-os, mas, pelo contrário, deve incentivá-los e levá-los a aprender com gosto, louvando o que estiver bem, criticando sem demasiado rigor o que estiver mal, temperando a repreensão com um discreto louvor, lendo os seus trabalhos publicamente, não elogiando desmedidamente. O mestre deve agir sem demasiado rigor, mas também sem excessiva brandura.

A *Carta* explicita estes procedimentos dos professores, ao longo do VIII e IX capítulos, principalmente.

*Mas, em cada uma das categorias, ao emendar quer a oração livre, quer a dominada pelo verso, muitas vezes é mais útil encobrir algumas coisas, dissimulando, do que revelar, repreendendo todos os erros; e, se algo existir de bom, louvando-o, tornar os espíritos dos meninos mais alegres do que, se algo estiver mal, criticando-o demasiado acremente, expulsar e restringir todo o ardor dos seus espíritos. A aspereza da repreensão, temperada por um discreto louvor, não só corrige facilmente os erros da escrita, como alimenta a esperança dos meninos e lhes inflama veementemente o entusiasmo. Ainda que deva ser conhecido do professor o talento daqueles que ensina, de modo a acomodar a sua docência à natureza de cada um, reprima os que exultam com demasiada licença de palavras, excite à ousadia os retraídos e quase envergonhados, restrinja aqueles que se perdem em imoderada fecundidade e abundância e, com*

---

<sup>25</sup> - “Regras para o Professor da Classe Superior de Gramática”, §1. Nas “Regras do Professor de Humanidades” repete a necessidade de estudar estes mesmos autores:

*Para conhecimento da língua, que consiste principalmente na propriedade e riqueza das palavras, explique-se, nas lições quotidianas, dos oradores exclusivamente Cícero, e, de regra, escolham-se os seus livros de filosofia moral; dos historiadores, Cesar, Salústio, Lívio, Curtius e outros semelhantes: dos poetas, principalmente Virgílio com excepção de algumas éclogas e do livro 4º da Eneida, odes seletas de Horácio e também elegias, epigramas e outras composições de poetas ilustres, contanto que expurgados de qualquer inconveniência de expressão.*

O CONTRIBUTO DE PEDRO PERPINHÃO  
PARA A ELABORAÇÃO DA *RATIO STUDIORUM* DA COMPANHIA DE JESUS

*humanidade , crescente suco e forças aos secos e áridos. Muito benéfico, também, é o facto de cada um pronunciar publicamente as suas orações e poemas, cuidadosamente corrigidos pelo professor.*

(cap. VIII, pp. 108-109)

Num clima de moderação, nem excessivamente rigoroso, a ponto de causar terror, nem excessivamente brando, a ponto de causar desleixo e orgulho<sup>26</sup>, e para estimular o progresso na aprendizagem, premiavam-se aqueles que se destacavam, que se esforçavam por ser os primeiros.

*A estes, portanto, ainda que se lhes deva provocar algum medo, se alguma vez se afastarem da sua tarefa, devem, todavia, de preferência, propor-se certos prémios, se recitarem maravilhosamente, de memória, algo dentre tudo o que aprenderam; se declinarem alguma palavra melhor do que os outros; ou se, na escrita, ou na forma de reproduzirem aquilo que ouvirem, ou na elegância, na facilidade e abundância da explanação, superarem os restantes. Quanto aos prémios, podem ser: um assento mais ilustre, um louvor mais copioso da boca do mestre, uns livros pintados a ouro e muitas outras coisas desta natureza.*

(Carta, IX, p. 110)

Também neste aspecto as prescrições da *Carta* seguem as *Constituições* (IV Parte, §§ 383-386) e as normas dadas por Inácio de Loyola, na correspondência que travou com as várias Províncias da Companhia. No geral, os pedagogos deste período estimulam a competitividade entre os alunos, a emulação: os alunos, divididos, na aula, em grupos, as decúrias, disputavam, desafiavam-se uns aos outros e questionavam-se sobre a matéria exposta pelo professor, atentos ao menor deslize dos seus émulos, para os corrigirem ou suplantarem, para alcançarem determinado título ou prémio, que podia ser simplesmente avançar um lugar na sala, passar para uma posição superior, alcançar

---

<sup>26</sup> Leia-se, no cap. IX, p. 110:

*Em momento algum, porém, é mais necessário do que nesta altura aquilo que acima aconselhei, a saber, que deve conhecer-se a natureza de cada um. Há, com efeito, quem seja estimulado pelo medo e quem o seja mais pela brandura e pelo amor. Mas, a verdade é que deve juntar-se algum medo à humanidade e ao amor, para que os espíritos dos meninos não se tornem preguiçosos, com uma certa dissolução. De tal forma, porém, se deve insinuar um pouco daquela brandura no temor, que não se despedace, por causa do desespero, o empenho dos meninos. Em verdade, certamente que não pode ser prolongado nem frutuoso o trabalho daquele que, como o servo, nunca se abrasa a não ser com chicotadas e castigos. É, de longe, maior a expectativa em relação àqueles que se inflamam suficientemente de sua vontade, que receiam ofender a suavidade do mestre e que são levados por um modesto e honesto louvor.*

outro posto na hierarquia, ouvir um louvor do professor. Esta prática, como muitas outras, não era exclusiva dos jesuítas, tivera os seus fundamentos nas escolas de Paris.<sup>27</sup>

Não era só nas aulas que os alunos podiam brilhar: havia também sessões públicas, como as que comemoravam alguma data importante, as que celebravam as visitas de importantes personagens da nobreza ou do clero, as da abertura do ano lectivo, ou simplesmente as disputas semanais, onde isso podia também acontecer; aí, alunos das classes mais avançadas disputavam ou discursavam, e afixavam-se os seus textos em prosa ou poemas pelas paredes dos colégios; posteriormente vieram a organizar-se grandes celebrações escolares, para distribuição de prémios aos melhores alunos.

Mas, se havia prémios, para se distinguir os bons alunos e os cumpridores, havia também castigos para os menos trabalhadores, para aqueles que não cumpriam os seus deveres ou as normas estipuladas pelos regulamentos<sup>28</sup>. Desses castigos não fala a *Carta* de Perpignano.

### **Metodologia**

Aspecto fundamental no método de ensino dos jesuítas era a preleção. O professor expunha e explicava a matéria, com simplicidade e elegância, começando sempre do mais fácil e avançando para as formas mais complicadas, das formas regulares para as anómalas. Devia manter-se sempre nos limites das capacidades dos alunos da sua classe, não os ultrapassando com considerações demasiado elevadas, nem os rebaixando com coisas demasiado ligeiras ou de pouca importância; as matérias

---

<sup>27</sup> - Herman, *op. cit.*, pp.84 e sqq.

<sup>28</sup> - As *Constituições* (IV Parte, 488-489) referem-se claramente aos castigos a aplicar aos alunos, que podem ir, dependendo da gravidade e da reincidência na falta, da simples repreensão até à expulsão, passando pelos correctivos físicos; neste caso, não deve ser um padre da Companhia a aplicar o castigo, mas um corrector externo, contratado para o efeito. Os castigos físicos eram comuns nesta época em todas as escolas e podiam aplicar-se tanto aos alunos mais pequenos como aos mais velhos. Os jesuítas adoptaram esta prática, mas aconselharam moderação, nada de excessos, e que, primeiro, se admoestassem os alunos, que, primeiro, fossem verbalmente repreendidos, pois *ubi uerba ualent, ibi uerbera non dare*. Se as palavras não chegassem, passava-se a um castigo humilhante (ficar de pé durante a aula, varrer a sala, descer à categoria inferior, etc.); se nem isso resultasse, então sim, passava-se ao castigo físico, que era o último argumento a que devia recorrer-se. O aluno era castigado pública ou privadamente, sem que o corrector, externo, pudesse dar-se a sevícias ou humilhar desnecessariamente o aluno. Para os maiores de 14 anos, suprimia-se a vara e preferia-se o castigo pela humilhação (Dainville, *op. cit.* pp. 312 e sqq.)

O CONTRIBUTO DE PEDRO PERPINHÃO  
PARA A ELABORAÇÃO DA *RATIO STUDIORUM* DA COMPANHIA DE JESUS

seleccionadas e as explicações deviam ter em atenção a capacidade e aproveitamento deles, de acordo com a idade que tivessem e o nível que frequentassem. A prelecção, cuidadosamente preparada em casa pelo professor, começava pela leitura da passagem a interpretar na aula, ao fim da qual o professor expunha brevemente o argumento, dava a ideia do conjunto, ligava o trecho lido ao que o antecedia e antecipava o que se seguiria. No ensino da gramática, o professor devia ter o cuidado de aplicar os conhecimentos aos autores:

*O método de explicar e de ouvir é único e idêntico, quer para o Latim, quer para o Grego. Os preceitos da gramática devem ser explicados de forma fácil e clara, sem questões de bagatelas e com numerosas repetições das mesmas coisas. Nos exemplos que se ensinam aos meninos, eu preferiria que o professor se ocupasse do modo como eles se devem acomodar ao uso, em vez de os acumular, com grande entusiasmo, todos eles, úteis e inúteis, daqui e dali.*

*(...) e exponham-se aquelas noções que parecem necessárias para a compreensão da matéria, seja sobre a história e antiguidade, seja sobre as fábulas dos poetas; e não se passe à frente se houver algum artifício notável. Porém, logo que os meninos estiverem ocupados na aprendizagem dos preceitos da gramática, deve indicar-se-lhes a sua aplicação nos autores.*

*(...) Em todos os graus da docência se deve utilizar uma linguagem elegante, polida e acurada. Entretanto, deve acrescentar-se um certo aparato, maior, seja das palavras, seja das temáticas, e um ornato mais ilustre, para que, com maior entusiasmo, os espíritos dos meninos se excitam para o estudo. Por outro lado, deve preocupar-se o doutor, em todos os níveis, em que sejam quase paralelas e semelhantes aos espíritos das crianças as explicações dos autores, quer pelo próprio género, quer pela quantidade maior ou menor das matérias que expõem, a fim de que se façam tantos progressos no método de interpretar, quanta a inteligência dos mesmos.*

*(Carta, cap. VII, pp. )*

A forma da se proceder à prelecção está amplamente contemplada e explicada aos professores na *Ratio Studiorum*, para as lições de Retórica, de Humanidades e de Gramática. É, em traços gerais, e sem se afastar muito das indicações de Perpinhão, a seguinte:

*Regras do Professor de Humanidades*

*5. Prelecção. – A prelecção poderá ser às vezes levemente salpicada com ornamentos de erudição, quanto exigir a explicação do trecho; concentre, porém o professor o seu trabalho nas observações relativas à língua latina, na força e etimologia das palavras baseadas nos autores mais abalizados, principalmente antigos; no emprego e variedade de expressões, na imitação do autor; nem julgue alheio ao seu objectivo exprimir alguma coisa em vernáculo, principalmente quando possa contribuir para a interpelação do autor ou encerre algo e particularmente interessante.*

*Quando explica, porém, uma oração, examine também as regras da arte. Por último, se parecer conveniente, poderá traduzir tudo no idioma pátrio, mas com uma elegância acabada.*

A etapa seguinte era a da memorização. Apresentados os preceitos, as regras, a parte teórica, os alunos deviam memorizá-los:

*A outra (etapa) é própria da memória; com efeito, as regras de gramática, exceptuando aquelas que acima disse dever omitir-se, todas elas devem ser memorizadas; e, de igual modo, os autores, um de prosa, outro de poesia, na medida em que a explicação de outros não superar a mediania; e também as formas de falar e as interpretações mais acuradas de assuntos e palavras. Da arte da retórica, porém, convém reter na memória não todas as palavras, mas as frases, de maneira que os meninos sejam capazes de expor as regras, uma a uma, se não pelas mesmas palavras, ao menos por outras um pouco modificadas.*

(Carta, cap. VII, pp. 103-104)

Os exercícios de memorização permitiam que os alunos repetissem de cor as matérias, na aula seguinte ou até na mesma aula. As repetições eram de grande importância, também, neste método de estudo. Antes de avançar para a exposição da matéria seguinte, o professor fazia repetir, de cor, a lição aos alunos; para que não falasse apenas um deles, o texto era revisto e repetido por partes, após o que o mestre os questionava para se inteirar da compreensão ou assimilação da matéria e aproveitava para exigir conhecimentos já supostamente adquiridos. Além de repetições diárias das lições, havia-as também semanais, mensais e aquelas que antecediam os exames de passagem de nível, trimestrais ou semestrais. A *Ratio Studiorum* refere frequentemente esta prática, como por exemplo, no parágrafo 25 das “Regras Comuns aos Professores das Classes Inferiores”:

*25. Repetição. – Do mesmo modo faça-se a repetição da lição do dia e da véspera, ou toda por um só aluno, ou, melhor, em partes por vários, a fim de que se exercitem todos; perguntem-se os pontos mais importantes e mais úteis, primeiro aos alunos mais adiantados depois também aos outros, que responderão em recitação seguida ou intercalada pelas interrogações do professor, enquanto o emulo do repente o corrigirá, se errar, ou antecipará a resposta, se tardar.*

Para ajudar nesse processo, deviam os alunos transcrever, em cadernos, tudo o que ouvissem e aprendessem nas aulas, desde que fosse ordenado pelo mestre (este só ditaria o essencial, depois de o ter explicado):

O CONTRIBUTO DE PEDRO PERPINHÃO  
PARA A ELABORAÇÃO DA *RATIO STUDIORUM* DA COMPANHIA DE JESUS

*Trará grande auxílio, porém, seja para a firmeza da memória, seja para a prática de escrever, seja para o conhecimento das práticas de ortografia, de acordo com os casos, a transcrição prévia no caderno, de tudo aquilo que houver de ser recitado de memória todos os dias.*

(Carta, cap. III, p. 93)

Estes cadernos serviam para ir tomando os apontamentos da aula, os preceitos, as regras explicadas pelo professor, mas também para ir anotando frases e construções (*loci communes*) que podiam ser depois utilizadas nas composições individuais, na observância da mais perfeita latinidade. Perpilhão deve tê-lo feito criteriosamente também, pois, a todo o momento, encontramos, nos seus textos, frases e construções de Cícero, o seu autor de eleição e sobejamente estudado e decorado.

Mas não se transcreviam as anotações apenas nestes cadernos; elas deviam ser colocadas, também, nas margens dos textos estudados, sob a forma de pequenos comentários. Todas elas, no entanto, devem ser frequentemente inspeccionadas pelos mestres, para evitar a divulgação de erros:

*Os alunos, seja qual for a matéria a explicar, a essa, escrevam-na com o maior entusiasmo, em casa, em comentários, com alegantes notas de literatura, com curiosas anotações de ortografia, nos intervalos e margens mais largas dos versos. Esses comentários inspeccione-os o mestre amiúde, para que, por medo ou vergonha, mais se motivem no zelo e diligência em escrever.*

*Na escola, ouçam, por um lado, o docente preceptor (que expõe os preceitos), com a maior atenção, e, por outro, anotem, tanto quanto lhes parecer suficiente, os argumentos dos livros, por ele muito brevemente ditados, no espaço deixado para o efeito antes de cada livro, e interponham, nos próprios versos, no seu lugar, interpretações perifrásticas de frases ou de palavras; e as formas mais preclaras de falar, que chamam frases, ilustradas pelo mestre por meio de exemplos, e as explicações um pouquinho mais longas das próprias matérias e das palavras, adscrevam-nas nas margens.*

(Carta, cap. VII, p. 103)

Também neste aspecto, Perpilhão seguia as instruções explicitadas nas *Constituições*, que desenvolvem esta metodologia para os colégios e as universidades nos parágrafos 374-376 e 459, por exemplo.

Na *Ratio Studiorum*, podemos constatar o peso da prelecção, da memorização e dos exercícios em geral ao lermos os parágrafos referentes à divisão do tempo; para as classes de Retórica, Humanidades e para as três de Gramática, o método era semelhante a este, variando apenas o conteúdo a leccionar:

“Regras para o Professor de Humanidades”

(...)

2. *Divisão do Tempo.* – O tempo será dividido do seguinte modo. Na primeira hora da manhã recite-se o trecho decorado de Cícero e da arte métrica, tomado pelos decuriões; corrija o Professor os exercícios recolhidos pelos decuriões, passando, entretanto, aos alunos vários exercício, mencionados abaixo na regra 4; por fim, recitem algum em voz alta e o Professor examine as notas dadas pelos decuriões. – Na segunda hora matutina repita-se brevemente a lição anterior, e, durante uma meia-hora ou pouco mais, explique-se a nova, sobre a qual sejam logo interrogados, e, se sobrar ainda tempo, empregue-se no desafio entre os alunos. Na última meia-hora, no princípio do primeiro semestre, explique-se em dias alternados um historiador e a arte métrica; terminada a arte métrica, explique-se, ou repita-se todos os dias, a retórica de Cipriano, ou estabeleça-se debate. Na primeira hora da tarde recite-se de cor o poeta ou o autor grego enquanto o Professor revê as notas dos decuriões e corrige os exercícios escritos que foram passados pela manhã ou ainda restaram dos trazidos de casa. Por fim dite-se o tema do trabalho escrito. A hora e meia seguinte divide-se igualmente entre a explicação e a repetição de um poeta e a lição e exercício escrito de grego.

Nos exercícios, como se pode constatar, reside também o sucesso do método. Toda a matéria explicada é sujeita a constantes exercícios diários.

### ***Exercícios***

Já Perpínho dedicara todo o capítulo VIII aos exercícios de aplicação de conhecimentos, descrevendo-os e exemplificando. Para todas as etapas da aprendizagem, muitos, continuados, precisos, vivos, úteis e diários devem ser os exercícios sobre a matéria dada, seja para a sua aplicação prática, seja para a revisão constante e o aprofundamento de conteúdos já leccionados, seja para a progressiva apreensão e compreensão da matéria; os exercícios serão de declinação, de leitura, de composição, de retroversão, de memorização. Não refere a tradução, que também era prática corrente entre os alunos, se bem que não tão frequente como a composição.

Já no capítulo III, sobre o ensino da gramática, adiantara os princípios gerais da exercitação – exercícios de declinação, de memorização, de composição e de questionário orientado:

*Daqui (das declinações) deve subir-se para os rudimentos, sem nunca se interromper o exercício de declinar. Porque, em verdade, ainda que nos rudimentos, qualquer autor, quer elaborado, quer inteligível, deva ser explicado em língua pátria, esse deve ser repetido de memória, para enriquecer a língua, de modo que os meninos se entusiasmem veementemente para o estudo, pelo grato prazer desta matéria.*

O CONTRIBUTO DE PEDRO PERPINHÃO  
PARA A ELABORAÇÃO DA *RATIO STUDIORUM* DA COMPANHIA DE JESUS

*Esforcem-se também por escrever e compor algo, todos os dias, ainda que pouco experientes na arte. Quando tiverem passado destes conteúdos para os géneros e as declinações, devem observar-se as mesmas regras e cada dia se deve acrescentar algum preceito; ouçam alguma passagem de um bom escritor e, o que tiverem ouvido, recitem-no de memória e exercitem-se, flectindo tanto nomes, como verbos; e sejam frequentemente questionados sobre os rudimentos e os géneros das declinações e escrevam algo em latim.*

(Carta, pp. 94-95)

Das várias etapas de exercitação, as primeiras abordadas no capítulo VIII da *Carta* dizem respeito à declinação<sup>29</sup> e à memorização. A seguinte é a que se relaciona com a interpretação e análise da matéria, consistindo em questionários aos alunos, que devem ser frequentes durante as aulas. O professor questiona os alunos, ou são estes que, divididos em duas frentes de batalha, se questionam uns aos outros.<sup>30</sup>

Também se devem propor exercícios de composição em latim, em todos os níveis de ensino, sendo logicamente proporcionais ao conhecimento dos alunos, adequados aos seus conhecimentos, simples. Os alunos devem, se possível, utilizar o vocabulário encontrado em textos de autor já estudados nas aulas<sup>31</sup>.

A escrita é, pois, de igual forma, um exercício da maior importância, de tal forma que Perpinhão se alarga sobre o assunto, descrevendo a

---

<sup>29</sup> Perpinhão dera exemplos de alguns exercícios possíveis, no cap. III:

*Para estimular a rapidez em declinar, primeiro, fleccionem nomes e verbos apropriados; depois, sem qualquer ordenação, qualquer caso que o professor peça, esforcem-se por apresentá-lo expeditamente; de seguida, fleccionem conjuntamente muitos nomes mas não de uma só categoria, tal como: consilium forte et prudens; finalmente, levem uma pequeníssima oração por todos os tempos, números, pessoas e modos, como: ego lego Ciceronem; ego legebam Ciceronem; tu legisti Ciceronem; tu legebas Ciceronem. (pp. 93-94).*

<sup>30</sup> - Diz a *Carta*:

*O terceiro exercício está enformado em perguntas e respostas. Deve, com efeito, o mestre cuidadoso ter um tempo definido e certo, durante o qual interroga os alunos sobre os próprios preceitos e sobre os autores.*

(cap. VIII, p. 104)

<sup>31</sup> - No mesmo capítulo e página da passagem anterior, refere o opúsculo:

*(...) ora se devem igualmente propor orações breves que, de imediato, se vertam para latim. Neste aspecto devem evitar-se as inépcias dos pedagogos comuns, quando eles inventam certas frases inauditas, não sei de que trevas irrompendo, inúteis para qualquer coisa, excepto para provocar o riso; elas, mal pensadas, ensinam a falar mau latim. É preferível que elas sejam acomodadas aos preceitos da gramática que, antes, tenham sido expostos ou que se exponham, e aquelas palavras que os alunos tiverem visto nos autores.*

progressão nesta matéria e dando exemplos de variados exercícios. (*Carta*, cap. VIII, pp.106-107)

A composição e as versões devem obedecer também a uma gradação de dificuldade; primeiro propõem-se aos alunos exercícios muito simples; depois, frases muito simples que, a pouco e pouco, nomeadamente quando entrarem no estudo da sintaxe, se tornem mais claras e mais criativas. Em fases mais avançadas, podem já propor-se resumos de textos poéticos, desenvolvimento de tópicos e sumários enunciados pelos escritores, composições de vários tipos de orações, primeiro por partes e, depois, na íntegra, tendo por modelo Cícero (*Et ita scribere et dicere consuescant, ut Ciceronem animo semper intueantur, eiusque similitudinem aliquam imitando assequi conentur.* p. 107).

Também a *Ratio* propõe Cícero como modelo de escrita; é frequente a ocorrência, ao longo do texto, a expressão “à imitação de Cícero”. Nas “Regras Comuns aos Professores das Classes Inferiores”, no parágrafo 30 diz-se:

*O tema de composição não deve ser ditado de improviso, mas preparado e quase sempre escrito, quanto possível seja dirigido para a imitação de Cícero e segundo o modelo de uma narração, persuasão, congratulação, admoestação ou cousa semelhante; quando ditado, palavra por palavra, deveria escrever-se em latim e em vernáculo.*

Revestiam-se agora da maior importância as *copia uerborum*, recolha de palavras, frases, construções típicas, adágios, enfim, um arsenal de materiais prontos a usar num texto.

Estas composições realizavam-se diariamente, a partir de um tema proposto pelo mestre, e eram corrigidas publicamente ainda nesse dia ou no dia seguinte. Quando se tornavam mais trabalhosas, nos níveis mais avançados, podiam constituir trabalho para casa (*carta*, cap. VIII, pp. 107-108).

Também a *Ratio Studiorum* refere frequentemente a realização destes trabalhos escritos e reforça as normas da sua correcção:

22. *Correcção dos trabalhos escritos.* – De regra, os trabalhos escritos deverão corrigir-se em particular e em voz baixa, com cada aluno, de modo que aos outros se deixe, no intervalo, tempo para exercitarem-se em escrever. É bom, contudo, no princípio ou no fim da aula, ler e comentar publicamente alguns espécimes ora dos melhores, ora dos piores.

(...)

23. *Corrigir o maior número.* – Todos os dias deveria o professor corrigir os trabalhos escritos de cada um, porque desta prática resulta muito e grande fruto. Se, porém, o não permitir o número elevado dos alunos, corrija quantos puder de

O CONTRIBUTO DE PEDRO PERPINHÃO  
PARA A ELABORAÇÃO DA *RATIO STUDIORUM* DA COMPANHIA DE JESUS

*modo que os omitidos num dia sejam chamados no seguinte .(“Regras Comuns aos Professores das Classes Inferiores”)*

A correcção dos trabalhos devia nortear-se por dois princípios que orientavam o professor: doçura e severidade; a aspereza da repreensão, quando havia falhas, devia ser temperada por um discreto louvor, para não desmotivar o aluno e levá-lo a querer fazer melhor; por vezes era preferível omitir algum defeito, atenuar a dimensão do erro, para não destruir o interesse dos meninos; por outro lado, porém, o louvor não deveria ser de molde a suscitar um entusiasmo desmedido.

Falar era também um exercício importante; verbalizar os conceitos ouvidos do professor era uma forma de melhor os compreender e decorar. Neste domínio, havia repetições constantes, declamações, interrogatórios, disputas. O objectivo era pôr os escolares a falar e a escrever latim:

*O quarto exercício é o de falar, que eu não nego ter grande utilidade, mas da seguinte forma: se os meninos devotarem a isso todas as energias, com grande zelo; e se falarem sempre bem e polidamente; e se, logo que errarem nalguma coisa, forem corrigidos pelo mestre, e se as palavras seleccionadas de cada género, principalmente das coisas comuns, a pouco e pouco, a partir do mesmo, preencherem as necessidades dos ignorantes. Por outro lado, falar continuamente latim, sem cuidado e sem zelo, traz consigo necessariamente o falar mal e incorrectamente. (Carta, cap. VIII, p. 105-106)*

Falava-se primeiro em vernáculo, principalmente nas classes mais baixas, e só depois latim (*Nos autores, deve primeiro pedir-se a frase, e que a exponham, com mais fluência e ornato, a princípio em língua pátria apenas, depois também na latina e, finalmente, simplesmente na latina. Cap. VIII, p. 105).*

A língua oficial, na aula, no recreio e até nos arredores do colégio era o latim, mesmo na ausência do mestre, mas não podia negligenciar-se o vernáculo, como aliás prescreviam as *Constituições*, segundo as quais, no entanto, ao entrarem no estudo das Humanidades, os alunos deviam falar habitualmente latim (no entanto, ao entrarem no estudo das Humanidades, os alunos deviam falar habitualmente latim (381; 456).

Também na *Ratio Studiorum* há normas para o uso do latim. Assim, por exemplo, nas “Regras do Reitor”:

*8. Uso do Latim. – Zele com diligência para que se conserve em casa o uso do latim entre os escolásticos; desta regra de falar latim não haja dispensa, exceto nos dias feriados e nas horas do recreio, a menos que, em algumas regiões, não pareça ao Provincial que, ainda nessas ocasiões, se pode conservar com facilidade o uso de falar latim.*

O último exercício referido na *Carta* de Perpilhão, capítulo VIII, é o da explicação dos autores, passo a passo, numa linguagem correcta e, por vezes, em vulgar. O professor explica a passagem em estudo na aula, situa-a na estrutura da respectiva obra, antecipa o que se segue; aborda questões gramaticais e estilísticas.

Veja-se o procedimento também recomendado pela *Ratio*, por exemplo, nas “Regras do Professor da Classe Inferior de Gramática”:

*6 – Prelecção dos autores. – A prelecção de Cícero, que por via de regra não excederá quatro linhas, obedecerá ao método seguinte: em primeiro lugar leia seguidamente todo o trecho e indique, resumidamente em vernáculo, o sentido. Em seguida traduza o período no idioma pátrio, palavra por palavra. Em terceiro lugar, retomando o trecho de princípio, indique-lhe a estrutura, e, analisando o período, mostre as palavras e os casos por elas regidos, estenda-se sobre a maior parte dos pontos relativos às regras de gramática explicadas; faça uma ou outra observação, mas muito simples, sobre a língua latina; explique as metáforas com exemplos muito acessíveis e não dite cousa alguma, a não ser talvez o argumento. Em quarto lugar percorra de novo o trecho do autor em vernáculo.*

Em Coimbra, Perpilhão foi também elemento constituinte de um júri de um concurso literário, em 1557, tal como virá a ser em Roma, em 1565, segundo diz na carta a Adorno, onde está incluído o opúsculo de que estamos a tratar. Podem ter sido suas as regras que regulamentaram esse concurso do Colégio das Artes, aproveitadas e adaptadas, depois, para Roma, onde efectivamente as redigiu. Este capítulo, relativo às normas, na *Ratio Studiorum* de 1599, segue sem grandes alterações o texto de Perpilhão<sup>32</sup>:

<p>Pedro Perpilhão <i>Da forma dos Prémios Públicos dos colégios da Companhia de Jesus, ao piedoso leitor</i></p>	<p><i>Ratio Studiorum:</i> <i>Normas para a distribuição de prémios</i></p>
<p>Prémios públicos Para a primeira classe, que é a dos Rétores, propõem-se seis prémios: dois de prosa latina, dois de poesia e dois de língua grega. Para a segunda classe, que é a de Humanidades, distribuem-se também seis prémios, da mesma maneira.</p>	<p>1 – <i>Número de prémios.</i> - Para a classe de Retórica haverá oito prémios: dois para prosa latina, dois para poesia; dois para a prosa grega e outros tantos para poesia. Para a classe de Humanidades e a primeira classe de Gramática haverá seis prémios,</p>

<sup>32</sup> - Citado em Lazeri, *De uita et scriptis P. I. Perpiniani*, pp. 161-65.

Para a terceira classe, que é a primeira dos Gramáticos, atribuir-se-ão quatro prémios, dois de prosa em oração latina e outros tantos de poesia. Na quarta, que é a segunda dos Gramáticos, depois da celebração pública dos prémios, distribuem-se também, em privado, aos vencedores os seus prémios.

Leis respeitantes aos prémios públicos

I – O concurso da escrita seja distribuído por três dias: no primeiro dia concorram com a oração latina; no segundo, com um poema latino; no terceiro, com um texto grego.

II – Reúnam-se todos, cada um em sua aula, a tempo do primeiro exercício matutino, nos dias constituídos.

III – Recebido o tema da composição, durante três horas completas, ninguém saia da sua aula, nem fale com ninguém fora do colégio; a quem proceder de forma diferente não lhe seja considerado aquilo que escrever depois.

IV – Se alguém solicitar mais tempo para completar o trabalho de

na mesma ordem, omitindo-se a poesia grega que, de regra, não ocorre abaixo da Retórica. Para todas as outras classes inferiores, quatro prémios, omitindo-se também a poesia latina. Além disto, dê-se também em, todas as classes, um prémio ao aluno ou aos dois alunos que melhor houverem aprendido a doutrina cristã. Conforme o número, grande ou pequeno, dos estudantes, poderão distribuir-se mais ou menos prémios, contanto que se considere sempre mais importante o de prosa latina.

2 – *Dias de prova.* – A prova escrita de concurso deverá ser dividida em vários dias, de modo que se determine um para a prosa latina, outro para a composição de versos, e outros dois para a prosa e a poesia grega.

3 – *Horas marcadas.* – Nos dias e horas marcadas para a prova escrita reúnam-se todos, cada qual na sua aula.

4 – *Saída e falar, proibidos.* – Indicado o assunto da prova, antes de a terminar e entregar, ninguém saia da aula nem fale com outrem, dentro ou fora do ginásio; se for necessário sair, com licença, deixe-se tudo o que se houver escrito em mãos de quem estiver encarregado da aula.

5 – *Prorrogação do tempo.* – Se alguém pedir prorrogação de

forma mais cuidada, esse simplesmente não tire um pé fora da escola, nem veja o seu tempo prorrogado para além de vinte e quatro horas; de resto, permanecerá por quanto tempo quiser.

V – Cada qual entregará ao Prefeito do Colégio, quando quiser sair, a sua oração cuidadosamente escrita e assinalada com o sinal que quiser, mas sem o nome; entregue-lhe também, ao mesmo tempo, uma outra carta, na qual, com o nome esteja o mesmo sinal expresso, cuidadosamente assinada de forma a não se poder ler o nome.

VI – O prefeito do Colégio guardará tudo, cuidadosa e fielmente, e não abrirá as cartas que contêm os nomes, antes de se dar o veredicto.

VII – Três juízes, sábios e religiosos, que não saibam de quem é cada uma das composições, deliberarão. Estes, depois de lidos todos os escritos, e inspeccionada cuidadosamente a situação, de comum acordo, declararão os vencedores, quer o primeiro, quer o segundo, em cada um dos géneros. Quanto a isto, se porventura algum dos juízes reconhecer a caligrafia de quem quer que seja, ou, por qualquer outra razão, conjecturar de quem é a oração que está a concurso, esse será

prazo para dar melhor acabamento ao seu trabalho, poderá conceder-se-lhe o tempo que quiser, contanto que não saia da aula nem vá além do pôr-do-sol.

6 – *Provas sigiladas.* – Ao sair, entregue cada um ao Prefeito do Ginásio ou ao seu substituto a própria prova escrita com empenho e marcada com um sinal livremente escolhido, mas sem nome; ao mesmo tempo, entregue também outro papel, onde, com o mesmo sinal se inscreva o nome e cognome do autor, mas cuidadosamente sigilado de modo que se não possa ler o nome.

7 – *Conservar com cuidado os papeis.* – O Prefeito conservará tudo com cuidado e fidelidade, e não abrirá os papeis que encerram os nomes antes do julgamento.

8 – *Julgadores.* – Escolham-se três julgadores, doutos e dignos, um dos quais, se assim o pedir o costume da região, poderá ser de fora, e que ignorem os autores de cada prova. Lidos todos os trabalhos escritos e diligentemente examinados, declarem, por maioria de votos e em ordem, os vencedores de cada grupo e, também, um ou dois dos que mais se aproximarem dos vencedores.

O CONTRIBUTO DE PEDRO PERPINHÃO  
PARA A ELABORAÇÃO DA *RATIO STUDIORUM* DA COMPANHIA DE JESUS

excluído deste.

VIII – Na apreciação, seja preferido a todos os outros, mesmo que tenham escrito muito mais, aquele de quem for a melhor forma de oração; se houver alguns que, pelo próprio género e estilo, sejam semelhantes na escrita, será vencedor aquele que tiver alcançado, com mais empenho, o correcto modo de escrita. Se até a observância de bem escrever for, nos dois, completamente igual, preferir-se-ão muitas coisas a poucas; se forem encontrados alguns absolutamente iguais, quer pelo hábito da oração, quer pela ortografia, extensão e brevidade, atribuir-se-á o prémio àquele que tiver expresso com maior elegância as anotações literárias. Se alguém vencer todos os outros em todos os géneros de composição, esse receberá os prémios de todos os géneros.

IX – Terminada a deliberação, só o Prefeito do Colégio, afastados os juizes, abrirá as cartas em que estão escritos os nomes dos participantes com os sinais, e investigará cuidadosamente, para não errar, os nomes dos vencedores, a partir dos sinais, e não desvendará a ninguém o que vier a saber.

X – De seguida, estabelecido o dia, com a maior cerimónia que puder fazer-se, na assembleia e afluência de

9 – *Forma de julgamento.* – No julgamento deverá ser preferido o que escreveu com melhor estilo ainda que outros tenham escrito mais. Se alguns forem iguais na qualidade e no estilo, aos que menos escreverem preferir-se-á o que escreveu mais. Se ainda nisto forem iguais, seja vencedor o que se avante na ortografia. Se na ortografia e no mais empataram, dê-se o prémio ao de melhor caligrafia. Se em tudo forem iguais, os prémios poderão ser divididos, multiplicados ou tirados em sorte. Se algum levar aos outros a palma em todas as espécies de composição, receberá também os prémios de todas.

10 – *Abertura do sigilo.* – Terminado o julgamento, o Prefeito, na presença do Reitor e do Prefeito Geral, abra os papeis que encerram os nomes dos concorrentes com os respectivos sinais, apure com cuidado, para evitar enganos, os nomes dos vencedores e não os comunique senão aos Professores.

11 – *Solenidade dos prémios.* – No dia marcado, com a maior solenidade e assistência de

homens, declarar-se-ão publicamente os nomes dos vencedores, e aos que avançarem para o meio distribuir-se-ão, de forma honorífica, a cada um, os seus prémios. Se alguém não estiver presente, se não tiver recebido antes, por justos motivos, permissão do Prefeito, ser-lhe-á enviado (amittito) o prémio que, de óptimo direito, lhe é devido.

convidados possível, leiam-se publicamente os nomes dos vencedores e cada um dos chamados levantar-se-á no meio da assembleia e receberá com toda a honra os seus prémios. Se faltar alguém, sem licença dada, pelo Prefeito, por justas causas, reconhecidas pelo Reitor, perderá o direito ao prémio ainda que bem merecido.

12 – *Distribuição.* – O leitor chamará um dos premiados mais ou menos com esta fórmula: “Para maior glória e progresso das letras e de todos os alunos deste ginásio, mereceu o primeiro, o segundo, o terceiro, etc, prémio em prosa latina, em prosa grega, em poesia latina, em poesia grega N”. Entregue então o prémio ao vencedor, acompanhando-o geralmente com alguma brevíssima estrofe adaptada à circunstância e que, se possível, será logo entoada pelos cantores. Por último leia também os nomes dos que mais se aproximaram dos vencedores, aos quais se poderá distribuir também alguma distinção.

13 – *Penalidades contra as fraudes.* – Se alguém transgredir estas normas ou cometer qualquer fraude, a sua prova seja anulada.

Apesar de não pertencer ao texto analisado, *De ratione liberorum instituendorum litteris Graecis et Latinis*, este regulamento revela o aproveitamento do contributo de Perpinhão para a versão final da *Ratio Studiorum*.

O CONTRIBUTO DE PEDRO PERPINHÃO  
PARA A ELABORAÇÃO DA *RATIO STUDIORUM* DA COMPANHIA DE JESUS

Como verificámos, este código oficial dos Jesuítas regista a influência daquele texto do antigo professor do Colégio das Artes de Coimbra, texto esse que eterniza aquela que era a prática pedagógica de então, que, por sua vez, seguia as indicações formuladas pelo fundador e outros responsáveis da Companhia de Jesus, regularmente enviadas aos colégios que iam abrindo pelo mundo.